

Para o Plano de Baker, um 'enterro silencioso'

WASHINGTON (Do correspondente) — Qual será a nova estratégia do Governo americano para lidar com o problema da dívida externa da América Latina?

A resposta para essa pergunta, que era intensamente repetida ontem pela imprensa a assessores do Presidente George Bush, deverá ser dada hoje — pelo menos em parte — durante a reunião dos países ricos no Departamento do Tesouro.

A Casa Branca pretende manter o sigilo sobre o assunto: avisou ontem que não haverá sequer um comunicado final ao público — como costuma acontecer nesse tipo de reuniões. O argumento é de que as autoridades não querem causar alvoroço e desequilíbrio nos mercados financeiros. Mas representantes de Japão, Canadá, França e Itália não pareciam preocupados com isso e disseram que lutariam pela emissão de pelo menos uma nota oficial.

O consenso é de que surgirá uma revisão do chamado Plano Baker —

criado em setembro de 1985 pelo atual Secretário de Estado, James Baker III. Várias pistas sobre o novo plano já vazaram, mas dados concretos serão comunicados pelas autoridades americanas aos Ministros de Economia e Presidentes de Bancos Centrais dos demais países industrializados — Japão, Alemanha Ocidental, Grã-Bretanha, França, Itália e Canadá.

Ontem, um dos principais colonistas do "Washington Post", Jim Hoagland, sugeria que a ocasião fosse aproveitada para que se fizesse "um enterro silencioso" do Plano Baker. "É hora de Washington fazer com que os bancos americanos ofereçam um alívio ao peso da dívida, que hoje distorce os fluxos de comércio global e contribui significativamente para o persistente déficit comercial dos Estados Unidos", escreveu o articulista.

O Senador Bill Bradley concorda com ele, lembrando que pouco

mais de um milhão de americanos perderam o emprego nos últimos anos pelo fato de os países latino-americanos se verem obrigados a diminuir suas importações — para poder pagar a dívida externa.

— Eles não podem mais importar dos Estados Unidos porque são forçados a gastar de 30 a 50 por cento de sua renda no pagamento do débito — disse Bradley.

Jim Hoagland, por sua vez, também acentuou esse aspecto dizendo que chegou o momento de os banqueiros assumirem as consequências de um negócio mal feito: "Até aqui a estratégia americana para a dívida tem sido evitar com que os banqueiros assumam prejuízos sobre as montanhas de dívidas que eles construíram nos anos 70, em detrimento dos produtores americanos. O industrial americano é que vem pagando preço dessa estratégia", comentou Hoagland. "O plano não funciona. É hora de que seja enterrado em silêncio."